

Lula e Covas dividem os votos da Igreja

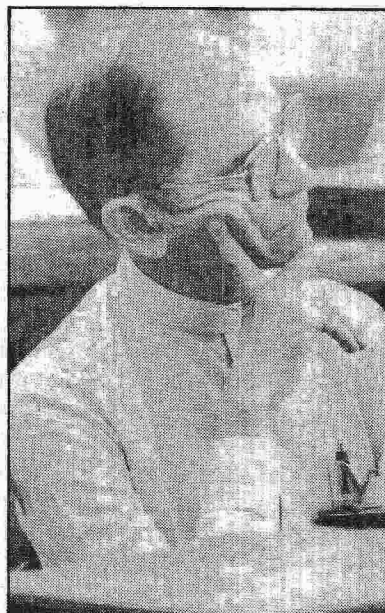
Covas e Lula estão muito bem votados, e Afif é o candidato mais à direita, entre os cardeais e bispos da Igreja Católica no país. A avaliação é de teólogos de conhecida consistência política. Estes cardeais, segundo eles, votarão assim: d. Paulo Evaristo Arns, de São Paulo: Lula. D. Eugênio Sales, do Rio: Afif. D. José Freire Falcão, de Brasília: Ulysses. D. Aloísio Lorscheider, de Fortaleza: Lula ou Covas. D. Lucas Moreira Neves, de Salvador: Covas.

Entre os 350 bispos, segundo as mesmas fontes, as preferências são estas: os 50 conservadores votarão em Afif ou Ulysses. Os 200 moderados estão em sua grande maioria com Covas; mas também há votos para Brizola (que perdeu muitos deles, com seus ataques à Igreja). E os 100 progressistas estão com Lula e Covas. Roberto Freire não tem rejeição entre os progressistas, dizem esses teólogos; mas "por um certo pudor eclesiástico, devido ao ateísmo do Partido Comunista", também não tem votos.

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, d. Luciano Mendes de Almeida, também tem seu voto conhecido entre as pessoas à sua volta: Covas.

Na base, muito Lula

Na base da Igreja, garantem os teólogos entrevistados (que preferem não ter seus nomes divulgados), "há uma tendência muito grande para o PT, que inclui freiras e padres". Mas a



Dom Eugênio é voto de Afif



Dom Helder: voto a sete chaves.



Dom Paulo: voto do PT.



Dom Lucas: voto de Covas.

maior ou menor adesão depende da atuação das 150 mil Comunidades Eclesiais de Base — as CEBs —, que reúnem quatro milhões de pessoas no país. Nas áreas onde as CEBs estão sob a influência ativa de bispos progressistas, os votos vão maciçamente para Lula. Mas naquelas em que os bispos são moderados, Covas e Afif mostram boa cotação.

Na diocese autônoma de São Miguel Paulista (desmembrada, recentemente, da arquidiocese de São Paulo, pela Santa Sé) o atívisimo bispo d. Angélico Sândalo Bernardino foi substituído pelo moderado d. Fernando Legal. Nessa área, marcada pelas invasões de terra, as bases continuam com Lula. Mas, surpreendente-

mente, dizem os teólogos entrevistados, D. Angélico está não com Lula, mas com Covas. Seu substituto, d. Fernando, ouvido ontem pelo JT, disse apenas que seu candidato "é muito do coração", preferindo não revelá-lo.

D. Paulo Evaristo Arns, o cardeal-arcebispo de São Paulo, também não revela seu voto. Mas as declarações de seu assessor de Imprensa, frei Sérgio Calixto Valverde, permitem concluir que a previsão dos teólogos entrevistados está correta. Segundo frei Sérgio, o candidato de D. Paulo apóia os Sem-Terra ("trabalhou direta ou indiretamente pela causa deles"). Não vai governar sozinho, mas "tem um partido por trás". Já exerceu cargo público

executivo? "Não, necessariamente."

Na equipe de governo de Lula já há três religiosos trabalhando: d. Mauro Morelli, bispo de Duque de Caxias (Rio), com a política do menor; frei Betto, na área da cultura; e frei Leonardo Boff, com uma auditoria anticorrupção. O bispo de Juazeiro do Norte, d. José Rodrigues, foi convidado para integrar a equipe, mas ainda não se conhece sua resposta.

Lobo em pele de ovelha

Em Curitiba, o bispo D. Ladislau Biernaski, que coordena um trabalho de esclarecimento aos fiéis, em 20 municípios da região metropolitana, diz ter notado "uma tendência favorável ao candidato Mário Covas, do PSDB". Depois, "há uma diluição nas preferências e, um segundo plano, uma divisão entre Lula e Afif". Num perfil dos candidatos, apresentado no manual "A Igreja e a Política", Collor, Afif, Maluf e Caiado são colocados como a serviço dos interesses "da burguesia e do grande capital". Uma música do trabalho de esclarecimento, alerta: "Não se engane/na beleza de um cartaz bem

colorido/muito lobo de ovelha/por aí está vestido".

Em Minas, os votos da Igreja vão-se dividir principalmente entre Lula e Covas: um e outro candidatos já foram propostos até por folhetos e cartas distribuídos à população em portas de paróquias. A Igreja tem realizado um trabalho de conscientização dos fiéis, que inclui o perfil do candidato ideal. Um perfil muito parecido com o das propostas da esquerda. O arcebispo de Belo Horizonte, D. Serafim Fernandes de Araújo, que não revela o seu candidato, costuma esquivar-se: "Certamente não é o Marrozinho nem o Enéas".

A luz do Espírito Santo

Já D. Aloísio Lorscheider, o cardeal arcebispo de Fortaleza, que também não fala, apresenta um indício: é muito amigo do governador cearense Tasso Jereissati, grande articulador da candidatura Covas no Nordeste. Discreto, a única declaração sobre as eleições que fez nos últimos dias foi esta: "O povo deve refletir bem, pensar bastante e pedir a luz do Espírito Santo para escolher o melhor candidato". Um pouco mais para o sul, o arcebispo emé-

rito de Olinda e Recife, D. Helder Câmara, não quis falar em quem vai votar nem em quem votou em 1960. Acha que uma declaração sua pode influir em favor de algum candidato.

E no Rio Grande do Sul, o bispo de Novo Hamburgo o ultraconservador D. Boaventura Kloppenburg, não pretende dar nenhuma orientação especial para seus fiéis. "Acho que está afastada a possibilidade de um comunista na Presidência, pois a implosão do comunismo internacional é uma boa lição para o Brasil." E Lula e Freire "estão chegando com uma ideologia de 70 anos atrás". Mas o bispo da diocese de São José dos Campos, D. Eusébio Oscar Scheid, resolveu não correr riscos. Em uma carta lida e distribuída nas missas deste fim de semana, pediu aos fiéis para não votarem em partidos ou candidatos ligados a comunistas.

A confiança da CNBB

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil deu ontem um voto de confiança na Justiça Eleitoral. Em uma nota, afirma que o TSE saberá coibir as manobras de grupos que têm procurado agir com "artifícios, manobras e atos de força" para tumultuar a sucessão. Em seu apoio, uma referência clara ao caso Sílvio Santos; a CNBB ressalta que a Justiça Eleitoral "saberá, sempre que necessário, desmascarar o conluio malicioso entre a prepotência e o ardil messiânico, dissimulados pela competição entre manipuladores de opinião".

A CNBB sustenta que com a Constituinte, e a escolha do novo presidente, "abriu-se a possibilidade real de uma mediação política entre o autoritarismo e a democracia". Mas ressalta que "este processo, também gerou um embate entre expectativas de transformação racional das estruturas e das mentalidades e o apego aos sistemas de privilégios, de complacência e de autoconcessão".